

NOTAS E INFORMAÇÕES

Consenso sobre o Estado palestino



G-20 apresenta a Israel o desafio de prever sua convivência com uma Palestina soberana

O consenso de chanceleres do G-20 sobre o estabelecimento de um Estado palestino, durante o recente encontro no Rio de Janeiro, deu mais um sinal de que esse antigo projeto pode afinal

sair do papel. A rara unanimidade entre potências ocidentais e países emergentes sobre o tema abre a perspectiva de que essa iniciativa avance ainda neste ano, o que impõe a Israel a escolha entre participar do processo e influenciá-lo conforme seus interesses ou manter-se intransigente e se isolar ainda mais.

Sensatez, entretanto, é o que não se tem visto por parte de Israel. Malgrado a incontestável legitimidade de sua reação militar contra o Hamas depois das atrocidades cometidas pelos terroristas palestinos contra centenas de civis israelenses, em outubro passado, a operação em Gaza tem cobrado preço alto demais em vidas inocentes e, pior, praticamente inviabiliza a vida normal ali depois de a guerra acabar. Para piorar, os sequestrados pelo Hamas continuam reféns, e o grupo terrorista ainda demonstra algum vigor. Ou seja, os grandes objetivos de Israel ainda não foram cumpridos.

É nesse cenário que o governo israelense tem sido pressionado a negociar, inclusive pelo seu maior aliado, os Estados Unidos, como ficou claro na reunião técnica do G-20. “É um consenso entre todos nós, porque eu não ouvi ninguém dizer nada contra a solução de dois Estados. Então vamos tornar público”, disse o chefe da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell. O secretário de Estado americano, Anthony Blinken, manifestou seu apoio à criação do Estado palestino na reunião e também na

conversa que teve com o presidente Lula da Silva.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, vinha evitando falar no pós-guerra, com receio de perder o apoio de seus aliados mais extremistas, que desejam a reocupação de Gaza, mas aparentemente a pressão internacional o obrigou a tocar no assunto. Ele afinal apresentou um plano intitulado “O Dia Seguinte ao Hamas”, em que estabelece suas prioridades na administração de Gaza depois da guerra. O território seria gerenciado por “autoridades locais” sem vinculação “com países ou grupos que apoiam o terrorismo”, mas o Exército israelense teria carta branca para agir na região para evitar a volta do terrorismo. Ademais, o plano estabelece uma faixa de segurança em Gaza, na fronteira com Israel, que será mantida “enquanto houver necessidade de segurança”.

Os EUA já se manifestaram contrários a qualquer redução do território de Gaza, mas é evidente que Israel não negociará nada enquanto não tiver garantias de segurança críveis. Sua intenção de obliterar o Hamas está em linha com esse imperativo, que não pode ser ignorado, sob pena de inviabilizar qualquer diálogo. Por outro lado, a segurança de Israel só será garantida se, do outro lado da fronteira, houver um Estado palestino funcional, viável e democrático – única forma de neutralizar os palestinos radicais que defendem a destruição de Israel e dos judeus. ●

Dois anos de guerra

Ucrânia faz Europa priorizar segurança em detrimento do clima

Governos europeus deixam de lado políticas ambientais e buscam ampliar capacidade de defesa contra Rússia

JÉSSICA PETROVNA

Segura da proteção dos EUA e confiante nos tempos de paz, a Europa reduziu drasticamente os gastos em defesa nas três décadas que se seguiram à Guerra Fria. Até que Vladimir Putin rompeu com a aparente normalidade ao invadir a Ucrânia. O conflito, que completou dois anos ontem, expõe as fragilidades do continente no momento em que o apoio americano é cada vez mais incerto. E levou à mudança de foco: do desenvolvimento verde para as armas.

Ainda que mais da metade do continente esteja sob o manto da Otan, paira o temor de que Putin possa testar a aliança. A Alemanha alerta que a Rússia poderia atacar um país-membro entre cinco e oito anos, enquanto a Dinamarca afirma que Moscou poderia ariscar uma guerra mais ampla entre três a cinco anos.

A apreensão é alimentada por declarações do ex-presidente americano Donald Trump, que recentemente disse que encorajaria a Rússia a fazer “o que quisesse” com países que não cumprem o compromisso de investir 2% do PIB em defesa.

Em 1989, ano em que caiu o Muro de Berlim, os gastos em defesa da Europa Central e Ocidental somavam US\$ 348 bilhões, segundo o Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (Sipri, na sigla em inglês). Em 1993, já sem a União Soviética, os valores não chegaram a US\$ 292 bi.

“Havia uma suposição geral de que era possível negociar com a Rússia, mas todos os acordos (do passado e do presente) foram ignorados na primeira oportunidade”, afirma Jan Kallberg, pesquisador do programa de Segurança e Defesa Transatlântica do Centro de Análises Políticas Europeias. “Isso cria uma incerteza significativa. Veja, por exemplo, a Finlândia e a Suécia se juntando à Otan. E agora todo mundo diz que o potencial de uma guerra na Europa é uma realidade.”

EXPANSÃO. Putin avançou o sinal pela primeira vez em 2008 ao invadir a Geórgia, ex-Repubblica Soviética, assim como a Ucrânia. Mais tarde, em 2014, tomou a Crimeia e foi a partir daí que os europeus passaram a se comprometer em gastar mais com a própria segurança. A questão agora é a velocidade.

“Precisamos estar preparados para qualquer cenário”, disse o ministro da Defesa da Polónia, Wladyslaw Kosiniak-Kamysz, à imprensa local.

O país, que já esteve na zona de influência soviética, praticamente dobrou a meta e, em 2023, investiu 3,9% do PIB em de-

Mãe de Navalni recebe corpo do dissidente russo morto na prisão

O corpo de Alexei Navalni, que a família exigia desde sua morte, no dia 16, em uma prisão da região do Ártico, foi entregue à sua mãe, anunciou ontem a porta-voz do opositor russo, Kira Yarmish, que não soube dizer em que condição o funeral será autorizado.

As autoridades russas se negavam a entregar o corpo de Navalni para sua mãe,

Liudmila Navalnaia, que viajou até a cidade de Salekhard, perto da colônia penal em que o opositor morreu.

Liudmila acusou as autoridades de chantagem, com ameaças de deixar o corpo em decomposição ou de enterrá-lo no terreno da prisão, caso ela não concordasse com um funeral secreto.

Um funeral público poderia, em tese, mobilizar os partidários do ativista, o que seria inconveniente para Putin, que deve se reeleger nas presidenciais marcadas para 15, 16 e 17 de março. ● AFP

fesa. Em termos proporcionais, supera os EUA, que gastaram 3,5% dos seus recursos na área.

Na esteira da declaração de Trump, o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, informou este mês que 18 dos 31 países da aliança chegaram ao piso dos 2% do PIB. Mas reconheceu que “alguns aliados ainda tem um caminho a percorrer.

Mudança Banco Europeu de Investimento prometeu € 8 bilhões para impulsionar segurança

De fato, os investimentos têm aumentado. O *Balanco Militar*, do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, publicado este mês, mostrou que os gastos com defesa na Europa

em 2023 chegaram a US\$ 388 bilhões. Em comparação, a Ásia gastou US\$ 510 bilhões, sendo boa parte da China. Nos EUA, a cifra passa dos US\$ 900 bi.

INDÚSTRIA. Como parte do esforço para aumentar as capacidades de segurança, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, prometeu lançar uma estratégia industrial de defesa. O plano inclui a abertura de um escritório de inovação na Ucrânia.

A alemã está à frente da União Europeia desde 2019 – quando protestos de jovens inspirados pela ativista Greta Thunberg impulsionaram o debate sobre as mudanças climáticas. Agora, o mundo mudou. E as prioridades europeias também.

Negociadores do bloco europeu reduziram o plano de ino-

vação de € 10 bilhões, proposto no meio do ano passado, para € 1,5 bilhão no começo de 2024. E condicionaram os recursos a projetos de defesa e não tecnologia verde, como previa inicialmente a Plataforma de Tecnologias Estratégicas para Europa. Os valores ainda estão em negociação, mas a discussão evidencia a mudança de foco.

Em paralelo, o Banco Europeu de Investimento, que descreve a transição verde como prioridade e destina mais da metade dos recursos para ações climáticas e desenvolvimento sustentável, prometeu € 8 bilhões para impulsionar a segurança na Europa. Isso apesar de projetos militares e de armamento estarem na lista de investimentos banidos do banco, o que tem sido motivo de discussões dentro do bloco.

“Uma mentalidade quase da Guerra Fria está voltando”, afirma Kallberg. “A classe política estava muito concentrada na questão ambiental. Agora, precisa discutir cenários terríveis.”

Bruxelas já superou Washington em ajuda a Kiev, mas a distância entre o prometido e o entregue ainda é grande. Acontece que a redução do investimento nas últimas décadas enfraqueceu a indústria e, agora, os europeus enfrentam dificuldades para produzir e fornecer ajuda militar, como munição, por exemplo, na velocidade que a Ucrânia precisa.

Na tentativa de corrigir os erros estratégicos do passado e se preparar para esses desafios em larga escala, a Otan lançou o maior exercício militar desde o fim da Guerra Fria. Com 90 mil soldados mobilizados, o objetivo é testar como funcionariam na prática os novos planos de segurança da aliança militar. E a justificativa é a ameaça da Rússia. ●